

7

Referências Bibliográficas

BRAGA, A. **Apelos que falam ao coração: o discurso publicitário revelador de aspectos da cultura brasileira e sua aplicabilidade em português como segunda língua para estrangeiros.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro.

FERREIRA, M. **O anúncio publicitário como recurso pedagógico contextualizador do Alemão como Língua Estrangeira.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2005.

GARRIDO, A. **Errar é humano! A vivência de erros e seus efeitos na produção oral sob a perspectiva do aluno de Inglês como Língua Estrangeira.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2006.

NOVELLINO, M. **Fotografias no livro didático de inglês como língua estrangeira: Análise de suas funções e significados.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2007.

MILLER, I. K. **Researching Teacher Consultancy via Exploratory Practice: A Reflexive and Socio Interactional Approach.** Capítulo 3. Tese de doutorado. Universidade de Lancaster.Reino Unido, 2001.

8 Bibliografia

ALLWRIGHT, D. **Towards a New History of Language Teaching over the Last Five or Six Decades.** Unpublished manuscript, Lancaster University, 1-4, 2000.

_____. **Six Promising Directions in Applied Linguistics.** In: Gieve, S. and I. K. Miller. (Ed.) *Understanding the language classroom*, 11-17. Hampshire, United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2006.

ALLWRIGHT, D. & BAILEY, K. **Classroom research: principles and procedures.** In: *Focus on the language Classroom: An introduction to classroom research for language teachers*, 34 – 81. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

ALVES, Rubem. Escola: Fragmento do futuro. In: Revista Educação Municipal, São Paulo, ano 1, n. 1, 1988.

AUGÉ, M. **Nãolugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas: Papirus, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal.** São Paulo: Martins e Fontes, 2000.

BAZERMAN, Charles. **Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas.** In Dionísio, A. & Hoffnagel, J. (orgs.). *Gêneros Textuais, tipificação e interação.* São Paulo: Cortez, p. 19-46. 2005

BECKER, Fernando. **O que é construtivismo?** In: BORJA, Amélia de et al. *Construtivismo em revista.* São Paulo: FDE, p.87-93, 1983.

BEZERRA, M. H. **Por que as cartas do leitor na sala de aula?** In Dionísio, A.; Machado, A. R. & Bezerra, M.A. (orgs.) *Gêneros Textuais & Ensino*, Rio de Janeiro: Lucena. 2005

BRASLAVSKY, Berta. **Escola e alfabetização: uma perspectiva didática.** São Paulo: UNESP, 1993.

BRUNER, J. S. **Child's talk.** Londres: OUP, 1983.

BURGIERMAN, D. **A arte na SUPER.** Revista Super Interessante, n.227, p.18, jun/2006.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

EDGE, J. & RICHARDS, K. **May I see you warrant please? : Justifying outcomes in qualitative research**. *Applied Linguistics*, 19, 3:334 – 356, 1998.

EDWARDS, D. & MERCER, N. **Common knowledge**. Londres, Routledge, 1987.

FREIRE, P. **Alfabetização de adultos e conscientização**. In *Educação e Mudança*, 61-79. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

FREITAS, M. T. A. **Bakhtin** . In *Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação: Um Intertexto*, 117-153. São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____. **Vygotsky**. In *Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação: Um Intertexto*, 73-116. São Paulo: Editora Ática, 2000.

GENTILE, P. **Um mundo de imagens para ler**. *Revista Nova Escola*, n. 161, p. 44-49. 2003.

GIROUX, H. **Pedagogia Crítica, Política Cultural e o Discurso da Experiência** (Cap. 7) e **Professores como Intelectuais Transformadores** (Cap. 9). In *Os Professores como Intelectuais*, 123-144 e 157-164. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

GUBA, E. G. & LINCOLN, Y. S. **Competing paradigms in qualitative research**. In: *Handbook of qualitative research*, ed. N. K. Denzin & Y. S. Lincoln, 105-117. **Thousand Oaks**: SAGE publications, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HORNBERGER, N. H. **Language and Education**. In McKay, S. L. & N. H. Hornberger (Eds.), *Sociolinguistics and language teaching*, 449- 473. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

JOBIM E SOUZA, S. **Bakhtin: A Dimensão Ideológica e Dialógica da Linguagem**, In *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*, 97-121. Campinas, SP: Papirus Editora, 2000.

KRESS, G. **Multimodality: challenges to thinking about language**. *TESOL Quartely*, 34, 2:336-340, 2000.

KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. London: Routledge, 1996.

_____. **Multiple Discourse : The modes and media of Contemporary communication**. London: Arnold. 2001.

KUMARAVADIVELU, B. **The Post-method Condition: (E)merging Strategies for Second/Foreign Language teaching.** *TESOL Quarterly*, 28, 1:27-48. 1994.

LINCOLN, Y.S. **Emerging criteria for quality in qualitative and interpretative research.** *Qualitative Inquiry*, 1, 275-289. 1995.

_____. **From understanding to action: New imperatives, new criteria, new methods for interpretative researches.** *Theory and Research in Social Education*, 12- 29, 1998.

LINCOLN, Y.S. & GUBA, E. G. **Paradigmatic Controversies, contradictions, and emerging influences.** In: *Handbook of qualitative research*. Second edition, ed. Denzin, N.K. & Lincoln, Y.S., 163-187. Thousands Oaks: SAG publications, 2000.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo, Cortez. 2002.

MENDONÇA, M. R. S. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade.** In Dionísio, A.; Machado, A. R & Bezerra, M. A (orgs). *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucena. 2005

MERCER, N. **Neo-Vygotskian theory and classroom education.** In B. Stierer & J. Maybin (Eds.), *Language, Literacy and Learning in Educational Practice*, 92-110. Clevedon: Multilingual Matters, 1994.

MIRZOEFF, N. **An Introduction to Visual Culture.** London: Routledge, 2001.

MOITA LOPES, L. P. **Discursos de identidade em sala de aula: a construção da diferença.** In *Identidades Fragmentadas*, 29-56. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras. 2002.

_____. **Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**, 83 - 93. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras , 2006.

NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OLIVEIRA, M. **Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 4º ed, 2002.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias? Ministério da Educação. Brasília.

PEDROSA, C.E.F. **Frase: caracterização do gênero e aplicação pedagógica.** In Dionísio, A. ; Machado, A. R & Bezerra, M. A (orgs). *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucena. 2005

PICKEN, J. **State of the ad: the role of advertisements in EFL teaching.** *ELT Journal*, 53, 4:249-255. 1999.

PRABHU, N.S. **There is No Best Method – Why?** *TESOL Quarterly*, 24, 2. 1990.

REGO, T.C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes., 15 ed. 2003.

Revista Nova Escola On Line, ed. Abril, n. 139, jan/fev, 2001

ROSA, Sany A. Da,. **Construtivismo e mudança**, 2ed, São Paulo: Cortez. 1994.

ROSE, G. **Visual Methodologies: An introduction to the interpretation of visual materials**. London: Sage, 2001.

ROYCE, T. **Multimodality in the TESOL Classroom: Exploring Visual-Verbal Synergy**. TESOL Quarterly, 36,2:191-205. 2002.

SWALES. J. **Genry analysis**. Cambridge: Cambridge University Press. Cap. 2. 1990

STEIN, P. **Rethinking resources: multimodal pedagogies in the ESL classroom**. TESOL Quarterly, 34,2:333-336. 2000.

VAN LEEUWEN, Theo. **Ten reasons why linguistics should pay attention to visual communication**. In: Le Vine; Ron Scollon (eds.) *Discourse and Technology: multiple discourse analysis*. Washington, DC: Georgetown University Press. 2004.

VAN LIER, L. **Some features of a theory of practice**. *TESOL Journal* 4, 1:6-10. 1994.

_____. **From input to affordance: Social-interactive learning from an ecological perspective**. In J.P. Lantolf (Ed.), *ociocultural Theory and Second Language*, 245- 259. Oxford: xford University Press, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Extracts from Thought and Language and Mind in Society**. In B. Stierer & J. Maybin (Eds.), *Language, Literacy and Learning in Educational Practice*, 45-58. Clevedon: Multilingual Matters. 1994.

WYSOCKI, A.F. **The multiple media of texts: How onscreen and paper texts incorporate words, images, and other media**. In: Bazerman, C.& Prior, P. (eds) *What writing does and how it does: An introduction to analyzing texts and textual practices*, N. J.: Lawrence Erlbaum. 2004.

9

Referências bibliográficas das figuras

Figura 1.0

IMPECÁVEL. Campanha dia dos pais – 2007. 12 ago. 2007. Propaganda

Figura 2.0

KRESS, G.;VAN LEEUWEN, T. **Reading Images:The Grammar of Visual Design**. London: Routledge, 1996. 63p.

Figura 3.0

SOUSA, M. **História em quadrões**. São Paulo:Globo, 2001, 23p.

Figura 4.0

www.abriljovem.com.br

Figura 5.0

FERRARI, M.; RUBIN, S. **English Clips 6**. São Paulo: Scipione, 2001.

Figura 6.0

www.ga.water.usgs.gov/edu/graphics/watercycleport

Figura 7.0

www.ips.pt/sas/img/home_setas.gif

Figura 8.0

www.cassiusfraga.com/logos/sominerais.gif

Figura 9.0

SOUSA, M. **História em quadrões**. São Paulo:Globo, 2001, 30p.

Figura 10

SOUSA, M. **História em quadrões**. São Paulo:Globo, 2001, 22p.

Figura 11

Revista Nova Escola. Nº 203- Ano XXII. Editora Abril.

Figura 12

Revista Nova Escola. Nº 203- Ano XXII. Editora Abril.

Figura 13

Revista Corpo a corpo Outubro de 2004, 12p.

Figura 14

Revista Nova Escola. Nº 203- Ano XXII. Editora Abril.

Figura 15

www.partesdesign.com.br

Figura 16

www.imagaensviagens.com/moscou

Figura 17

www.visitadobauru.com.br

Figura 18

SOUSA, M. **História em quadrões**. São Paulo:Globo, 2001, 16p.

Figura 19

www.atrevida.com.br

Figura 20

OXEDEN,C.;SELIGSON,P.;LATHAM-KOENIG,C. **English File - student's book 2**.Oxford:Oxford University Press,2003, 105p.

Figura 21

Revista Corpo a corpo Outubro de 2004, 9p.

Figura 22

Revista Corpo a corpo Outubro de 2004, 13p.

Figura 23

Revista Corpo a corpo Outubro de 2004, 13p.

Figura 24

Revista Corpo a corpo Outubro de 2004, 63 e 64p.

Figura 25

www.googleimages.com.br

Figura 26
Revista Corpo a corpo Outubro de 2004, 89p.

10

Anexos

anexo 1

AGORA ESCUTA
DIRETO DA REDAÇÃO

A arte na SUPER

Antigamente, revistas tinham “diagramadores” – aqueles que colocavam textos e fotos na página. O “autor” da matéria era só o repórter. O diagramador era, no máximo, um “decorador” de páginas.

Na última década, isso mudou demais. Na SUPER, fomos entendendo que a parte visual da reportagem é mais que enfeite: ela transmite idéias, sensações, conta histórias. Uma pessoa teve papel crucial nessa mudança: o Alceu Nunes. O AI é diretor de arte da SUPER há 9 anos. Com ele, nossas páginas foram ficando mais impactantes, emocionantes, ricas em informação visual e, claro, lindas.

Lógico que o AI não fez isso sozinho. Contou com a ajuda de muita gente talentosa. Como o Rodrigo Maroja, hoje diretor de arte da Placar, que ajudou a criar a capa chocante aí abaixo, recém-eleita pela Associação Nacional dos Editores de Revista uma das 20 melhores capas do Brasil nos últimos 20 anos. Hoje não há mais diagramadores aqui – são todos designers de informação. Na SUPER, os designers são considerados também autores

das matérias – por isso, o nome deles aparece ao lado do do repórter.

Pois o AI está nos deixando. Ele vai ajudar a liderar a revolução na *Capricho*, prestes a se tornar uma das publicações mais inovadoras do mundo (se você gosta de revistas, não deixe de conferir).

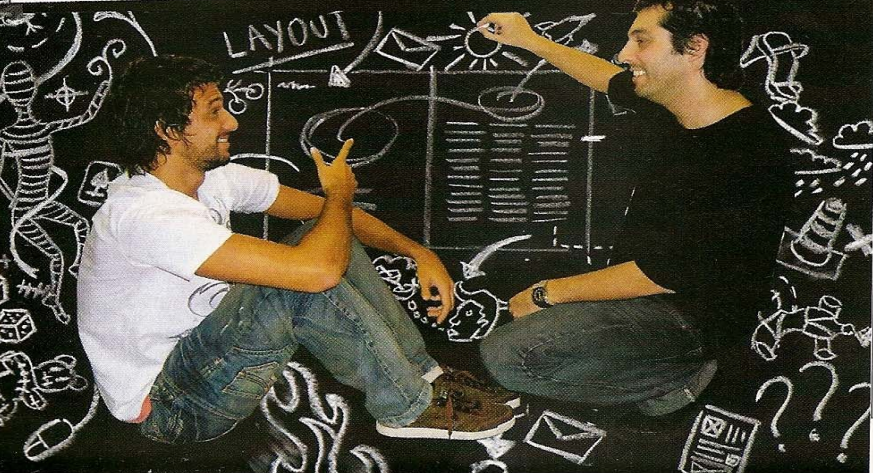
Faz muito tempo que convivo com o talento do AI, então não vou esconder que sentirei falta. Mas o maior talento dele sempre foi o de formar talentos. Taí o Adriano Sambugaro que não me deixa mentir. Faz mais de um ano que o Sambuga é responsável pelo nosso projeto gráfico e pelas capas. Agora é oficial: ele é o diretor de arte da SUPER. E tem talento de sobra para isso – veja por exemplo esta edição, onde se destacam as obras de arte de Tide Hellmeister, o ilustrador que o Sambuga escolheu para a reportagem de capa. Que baita diferença das velhas revistas “diagramadas”.

Grande abraço! **S**

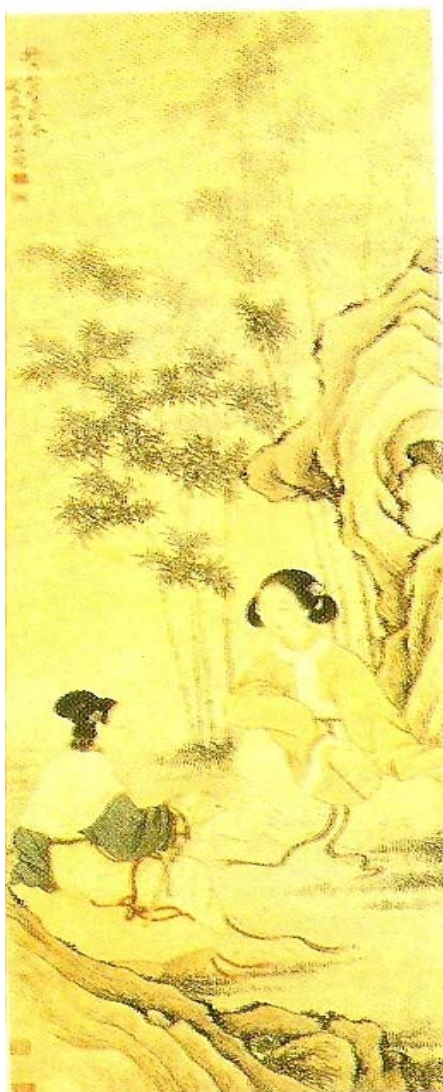


DENIS RUSSO BURGIERMAN
DIRETOR DE REDAÇÃO
DRUSSO@ABRIL.COM.BR

Sambuga, que assume, AI, que vai, e a capa, eleita uma das 20 melhores do Brasil nos últimos 20 anos.



anexo 2



Beldades sob o Bambu, sem data
Gai Qi (1773-1828)
nanquim em cores sobre pergaminho
Guangzhou Museum, Cantão, China

anexo 3

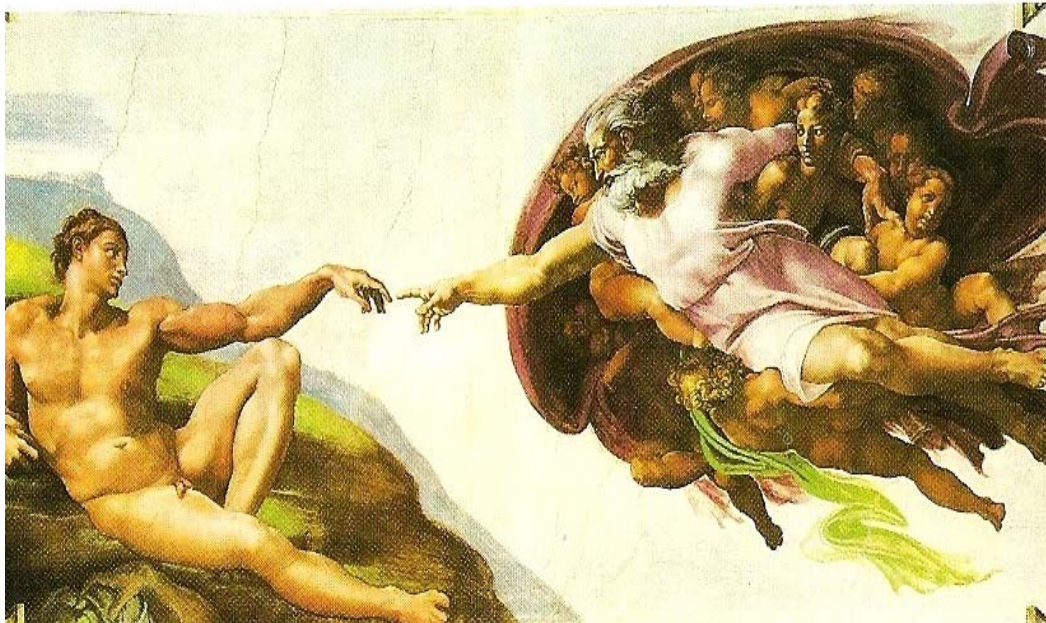


Maja Nua. Museo del Prado



Maja Vestida. Museo del Prado

anexo 4



A criação de Adão, 1510
Michelangelo (1475 – 1564)
afresco, 280 x 570 cm
Capella Sistina, Palazzo del Vaticano,
Cidade do Vaticano, Roma, Itália

anexo 5**Questionário**

Turma: _____ Idade: _____

Responda às questões abaixo refletindo sobre seus momentos em sala de aula:

1) Das atividades propostas pela professora Daisy, qual (s) você prefere? Por quê?

2) Você participa mais na aula quando a professora trabalha com as imagens ou com os textos do livro/apostila? Por quê?

3) Você acha que fica mais fácil internalizar o conteúdo da aula quando ele é trabalhado através de imagens ou com exemplos escritos (frases)? Explique.

4) Quais materiais ajudam mais no aprendizado de um conteúdo, ou seja, no entendimento dele? Explique.

5) Como ficou seu interesse, seu olhar, para as imagens após as aulas da professora Daisy?

6) Cite um assunto (dos conteúdos já trabalhados pela professora Daisy) sobre cujo conteúdo você se sente seguro para dissertar. Sabe explicar por quê?

anexo 6**Quadro sobre as reações manifestadas**

Turma: _____

Data da aula: _____

Assunto da aula: _____

Número da aula: _____

Aula dada com imagem: _____

1. Aluno levanta a mão para participar independente da solicitação do professor: (M) (P) (N) (NA)
2. Alunos comentam entre si tópicos discutidos na sala: (M) (P) (N) (NA)
3. Alunos comentam entre si assuntos alheios à aula: (M) (P) (N) (NA)
4. Alunos se mostram descontraídos à vontade para assistir aula: (M) (P) (N) (NA)
5. Alunos se mostram tensos, não participativos: (M) (P) (N) (NA)
6. Alunos estão dormindo, bocejando ou demonstrando desinteresse: (M) (P) (N) (NA)
7. Professora precisa ficar pedindo silêncio para a turma: (M) (P) (N) (NA)
8. Os alunos fazem perguntas, demonstrando que estão refletindo sobre o assunto da aula: (M) (P) (N) (NA)
9. O olhar dos alunos é na direção das imagens: (M) (P) (N) (NA)

Legenda : (M) – muitos (P) – poucos (N) – nenhum (NA) – não observado

Observações: _____

anexo 7**Tabulação**

Número de alunos participantes da pesquisa: 112

1) Das atividades propostas pela professora Daisy, qual você prefere?

Atividades	Número de alunos	Porcentagem
Imagens	59	53%
Música	33	29%
Texto escrito	16	14%
Debate	12	11%
Charges	3	3%
Sem preferência	3	3%
Interpretação	2	2%
Redação, notícias, placas, atividade em grupo	1 aluno cada	1%

2) Você participa mais na aula quando a professora Daisy trabalha com imagens ou com os textos do livro/apostila?

	Número de alunos	Porcentagem
Participa mais com imagens	88	79%
Participa mais com textos escritos	18	16%
Participa igualmente	6	5%

3) Você acha que fica mais fácil internalizar o conteúdo da aula quando ele é trabalhado através de imagens ou com exemplos escritos (frases)?

	Número de Alunos	Porcentagem
Através de imagens	65	58%
Através de textos escritos	22	19%
Das duas formas	14	12,5%
Depende do conteúdo	9	8%
Não sabe explicar	1	1%

4) Quais materiais ajudam mais no aprendizado de um conteúdo, ou seja, no entendimento dele?

Recursos	Número de Alunos	Porcentagem
Slides com imagens	53	47%
Som (Música)	36	32%
Livro didático	12	11%
Data show	10	9%
Textos escritos	10	9%
Resumos	5	5%
Propaganda	5	5%
Exercícios	3	3%
Vídeo	3	3%
Artigos de revista, exemplos de e-mail, quadro negro, leitura de livros extras	1 aluno cada	1%

5) Como ficou seu interesse, seu olhar, para as imagens após as aulas da professora Daisy?

	<i>Número de alunos</i>	<i>Porcentage</i>
Meu interesse melhorou muito	91	82%
Meu interesse manteve-se o mesmo	14	12,5%
Não me interesse por imagens ou nunca pensei nisso	3 alunos cada	3%
Meu interesse diminuiu	1	1%

6) Cite um assunto (dos já trabalhados pela professora Daisy) sobre cujo conteúdo você se sente seguro para dissertar.

<i>Assunto</i>	<i>Número de Alunos</i>	<i>Porcentagem</i>
Funções da Linguagem	29	26%
Figuras de Linguagem	13	12%
Qualquer um trabalhado com imagem	12	11%
Subentendido e pressupostos	10	9%
Interpretação	10	9%
Não opinaram	10	9%
Nenhum	7	6%
Conotação e Denotação	3	3%
Qualquer um	3	3%
Redação	2	2%
Concordância Verbal	2	2%
Ortografia, Gramática e Colocação pronominal	1 aluno cada	1%

anexo 8

Aulas da Professora Daisy:

Funções da Linguagem

AULA 1.5

AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM:
INTENCIONALIDADE
DISCURSIVA E A SITUAÇÃO DE
PRODUÇÃO

OBJETIVOS:

1. Reconhecer a importância da função da linguagem na produção discursiva.
2. Identificar a função da linguagem predominante em textos de diversas naturezas.
3. Produzir textos cuja intencionalidade discursiva seja coerente com a necessidade de comunicação.

Aula 2.8

ESTRUTURA E FUNCIONALIDADE
DE GÊNEROS TEXTUAIS: FÁBULA,
CRÔNICA, POEMA, MÚSICA,
VERBETE DE DICIONÁRIO E DE
ENCICLOPÉDIA, TEXTO
PUBLICITÁRIO, CARTA PESSOAL,
FICHAMENTO, RELATÓRIO DE
EXPERIÊNCIA, ARTIGO DE
OPINIÃO, GÊNEROS DIGITAIS,
REDAÇÃO OFICIAL

OBJETIVOS:

1. Reconhecer a estrutura e a funcionalidade de gêneros textuais – gêneros digitais.
2. Reconhecer a estrutura e a funcionalidade de gêneros textuais – carta pessoal, relato pessoal, fichamento, artigo de opinião.

NAVEGAR É PRECISO

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".
Quero para mim o segundo. Quero frase
transformada a favor para a ideia: como eu sei:
viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não posso gozar a minha vida; nem eu gozarei a minha.

Só que to tomá-la grande:
ainda que se de todo tenha de sair o meu corpo e a
(minha alma) a alma desse fogão.
Só que to tomá-la de toda a humanidade:
ainda que se de todo tenha de a perder como minha.
Cada um mais assim pensa.

Cada um mais como de estância antiga do meu sangue
o propósito impossível de engendrar a obra e construir
para a evolução da humanidade.
É a forma que em mim tomo o mistério da nossa
maçã.

Fernando Pessoa

Nota

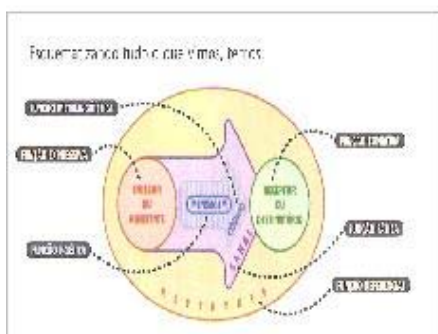
"Navigare necesse; vivere non est necesse" – latim, frase de Pompeu, general romano, 106-48 a.C., dita aos marinheiros, amedrontados, que se recusavam a viajar durante a guerra,

cf. Plutarco, in Vida de Pompeu

As Funções da Linguagem segundo Jakobson

Podemos nos comunicar destacando ora um, ora outro dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, o linguista russo Roman Jakobson dividiu as funções da linguagem em seis categorias, a saber: Referencial (informativa ou denotativa); apelativa (conativa); emotiva (expressiva); fática; poética e metalinguística.

A primeira privilegia o referente (pertence a); a segunda, o receptor; a terceira, o emissor; a quarta, o canal; a quinta, a mensagem e a sexta, o código.



REFERENCIAL



Camelôs faturam na concentração

Apesar da repressão dos organizadores do Carnaval contra os camelôs, um grupo de cerca de dez ambulantes fez "fortuna" na concentração do desfile das escolas de samba.

Mesmo sob forte chuva, eles ficaram posicionados na estrutura de um outdoor vendendo bebidas para os foliões. O grupo cobrava R\$ 2,00 pela água e R\$ 3,00 pela cerveja.

"Vendi R\$ 350,00 somente para as duas primeiras escolas. Já paguei o aluguel do meu barraco. Por mim, o Carnaval durava o ano inteiro", afirmou o pedreiro G. C., de 43 anos, um dos que escalaram o outdoor para ganhar um "extra" nos dias de folia.

APELATIVA



Hoje você é uma uva.
Mas, cuidado: uva passa
Vexames

Muita gente não sabe usar o celular. Veja o que
você não deve fazer com ele.

- Não ande com o celular pendurado na calça.
Fica feio. Guarde-o na mochila. Dá para espiar do
mesmo jeito.
- Nunca telefone durante a aula. Não adianta se
abaixar nem cobrir o celular com o cabelo. As
pessoas vão perceber que você está ao telefone.



(11:57:32) @na p@ula fala pra joy?: estão não
fica bravo
(11:57:45) @na p@ula fala pra joy?: corriga
(11:57:51) @na p@ula fala pra joy?: tá tá tá
(11:58:53) @na p@ula fala pra joy?: eiiiiiii
(11:59:59) joy: fala pra @na p@ula: tá tudo
bem...

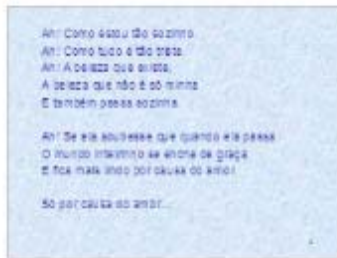
Telefone

Deu Certo

- Aiô
- Aiô
- Quem tá lá?
- Sou eu, amor. Você não se lembra mais da minha
voz?
- Mas essa hora da manhã?
- Ah, eu queria tanto te ver!
- Às quatro horas da manhã?
- Ah, eu não consigo dormir, eu preciso te ver!
- Eu bem que te vi, pra não levar a sério.
- O nosso caso de amor, eu sempre fui sério e você
sabe muito bem.

Eu bem que te avisei pra não levar a sério.
O nosso caso de amor, eu sempre fui sério
e você sabe muito bem.
Eu não te prometi nada.
Não venha me cobrar por esse amor.
Pois esse sentimento eu não tenho pra te dar.
Sinto muito em te dizer, vê se tenta esquecer
Os momentos que passamos que juntinhos
nos amamos.
Leve um beijo e adeus.





Canções e momentos
Wilson Nascimento e Fernando Giani

Há canções e há momentos
 Eu não sei como explicar
 Em que a voz é um instrumento
 Que eu não posso controlar
 Ela vai ao infinito
 Ela amarra todos nós
 E é um só sentimento
 Na plateia e na voz

Há canções e há momentos
 Em que a voz vem da raiz
 Eu não sei se quando triste
 Ou se quando sou feliz
 Eu só sei que há momentos
 Que se casa com canção
 De fazer tal casamento
 Vive a minha profissão

Claudicar: verbo
Intransitivo
 1 Arrastar os uma perna; não ter firmeza em um dos pés; coxeiar, capengar
 Ex.: o pai, já velhinho, claudicava de uma perna
transitivo indireto
 2 Derivação: sentido figurado: cair em erro ou falta; tropeçar intelectualmente
 Ex.: «você por culpa o velho claudicava nas contas» «o, na linguagem»
Intransitivo
 3 apresentar imperfeição, falha ou deficiência
 Ex.: disse que ultimamente sua memória claudicava muito

O que significa OK?

Uma das mais populares baseia-se na lenda de que durante a Guerra Civil americana (1861-1865), os oficiais nortistas que tinham a responsabilidade de contar as baixas usavam a fórmula "O Killed" (0 mortos) que escreviam numa placa, daí usavam o termo OK para um termo positivo, pois nenhuma baixa tinha ocorrido.

EMOTIVA



Como pensar
 Já sei como devemos pensar,
 ou ao menos fazemos e algo que é de nos mesmos.
 É sei que não algo que não magoua nunca, e não também não, e é
 condado de todo coração. Não é como quando, mas como um humano ou o
 próprio.
 Não é como que quando que todos dizem, ou como a terra humana, ou
 com a deuses e qualidades.
 Como mundo de tudo, mas sempre sempre
 do próprio, e sempre verdadeiro.
 Quando quando que sempre não da mesma, e quando não sendo como mulher,
 mas sempre humana e reconhecendo o mesmo palavra.
 Não é como que não vejo nada com sua dorada do
 pensamento e não reconhecendo. Não é como, como sempre foi se saber
 em um momento de não e dorada e a mente e que eu e sei que se não comar do
 alguma maneira com imagens no coração e reconhecendo o mesmo.
 Não é como.
 É se é a vontade do mesmo e quando que não é sempre como.
 É como pensar que como um para outro diferente, que por qualquer que seja o
 mesmo reconhecendo que seja diferente e reconhecendo
 tudo da terra e quando?

anexo 9

Aulas da Professora Daisy:

Os elementos estruturais da narrativa e a funcionalidade dos gêneros textuais

Aula 1.7
ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA NARRATIVA
(NARRADOR, PERSONAGEM, ESPAÇO, TEMPO E ENREDO): UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA DOS ELEMENTOS ESSENCIAIS DO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Aula 2.8
2.8 ESTRUTURA E FUNCIONALIDADE DE GÊNEROS TEXTUAIS: FÁBULA, CRÔNICA, POEMA, MÚSICA, VERBETE DE Dicionário e DE ENCICLOPÉDIA, TEXTO PUBLICITÁRIO, CARTA PESSOAL, RELATO PESSOAL, FICHAMENTO, RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA, ARTIGO DE OPINIÃO, GÊNEROS DIGITAIS, REDAÇÃO OFICIAL

OBJETIVOS

1. Reconhecer os elementos estruturais da narrativa.
2. Identificar o emprego discursivo de elementos estruturais da narrativa.
3. Reconhecer os elementos estruturais da narrativa em uma abordagem enunciativa do processo comunicativo.

1. Reconhecer a estrutura e a funcionalidade de gêneros textuais – fábula, crônica.
2. Reconhecer a estrutura e a funcionalidade de gêneros textuais – relatório de experiência.

Palavras
Sergio Berto / Marcelo Romar

Palavras não são más
Palavras não são quentes
Palavras são iguais,
Sendo diferentes
Palavras não são frias
Palavras não são boas
Os números pros dias
E os nomes pras pessoas
Palavras eu preciso
Preciso com urgência

Palavras que se usam
em casos de emergência
Dizem que se sente
Cumprir uma sentença
Palavras que se diz
Se diz e não se pensa
Palavras não têm cor
Palavras não têm culpa
Palavras de amor
Pra pedir desculpas
Palavras doentias
Páginas rasgadas

Palavras não se ouzam
Certas ou erradas
Palavras são somidas
As sombras viram jogos
Palavras pra o rincar
Brinquedos quebram logo
Palavras pra esquecer
Versos que repito
Palavras pra dizer
De novo o que foi dito

Palavras pra esquecer
Versos que não toco
Palavras pra dizer
De novo o que foi dito
Todas as folhas em branco
Todos os livros fechados
Tudo com todas as letras
Nada de novo de baixo do sol

A FÁBULA DA CONVIVÊNCIA

Durante uma era glacial, muito remota, quando parte do globo terrestre esteve coberto por densas camadas de gelo, muitos animais não resistiram ao frio intenso e morreram indefesos, por não se adaptarem às condições do clima hostil. Foi então que uma grande manada de porcos-espinhos, numa tentativa de se proteger e sobreviver, começou a se unir, a juntar-se mais e mais. Assim, cada um podia sentir o calor do corpo do outro.

E todos juntos, bem unidos, agasalhavam-se mutuamente, aqueciam-se, enfrentando por mais tempo aquele inverno tenebroso.

Porém, vida ingrata, os espinhos de cada um começaram a ferir os companheiros mais próximos, justamente aqueles que lhes forneciam mais calor, aquele calor vital, questão de vida ou morte. E afastaram-se, feridos, magoados, sofredos. Dispersaram-se, por não suportarem mais tempo os espinhos dos seus semelhantes. Doam muito.

Mes, essa não foi a melhor solução: afilados, separados, logo começaram a morrer e congelados. Os que não morreram voltaram a se aproximar pouco a pouco, com jeito, com precauções, de tal forma que, unidos, cada qual conservava uma certa distância do outro, mínima, mas o suficiente para conviverem melhor, para sobreviver sem magoar, sem causar danos recíprocos.

Assim suportaram-se, resistindo a longa era glacial, sobreviveram.

1. Qual o tipo de narrador?
2. Qual a sua intenção de texto?
3. Que função de linguagem prevalece?
4. Quais as personagens desse texto?
5. Qual o enredo?

Elementos Estruturais da Narrativa

São cinco os elementos básicos da narrativa: **narrador, personagem, enredo (ação), tempo e espaço.**

1. O narrador conta a história e, dependendo da intenção do que ele conta, pode ser objetivo (observador) ou participante da história (personagem).

Em ambos os casos, sua intenção é informar o leitor, muito embora, às vezes, ele se influencie, como num acontecimento polêmico.

PERSONAGEM E ESPAÇO

Conversinha Mineira

Fernando Sabino

- É bom mesmo o cafetinho daqui, meu amigo?
- Sei dizer não senhor, não tomo café.
- Você é dono do café, não sabe dizer?
- Ninguém tem me chamado dele não senhor.
- Então me dá café com leite, pão e manteiga.
- Café com leite só se for sem leite.
- Não tem leite?
- Hoje, não senhor.
- Por que hoje não?
- Porque hoje o leiteiro não veio.

Ontem ele veio?
- Ontem não.
- Quando é que ele vem?
- Tem de ir certo não senhor. As vezes vem, as vezes não vem. Só que no dia que devia vir em geral não vem.
- Mas ali fora está escrito "Leiteira".
- Ah, isso está, sim senhor.
- Quando é que tem leite?
- Quando o leiteiro vem.
- Tem aí um sujeito comendo coelhada. É feita de quê?
- O quê? Coelhada? Então o senhor não sabe de que é feita a coelhada?

- Está bem, você ganhou. Me traz um café com leite sem leite. Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na sua cidade?
- Sei dizer não senhor eu não sou daqui.
- E há quanto tempo o senhor mora aqui?
- Vai para uns quinze anos. Isto é, não posso garantir com certeza: um pouco mais, um pouco menos.
- Já dava para saber como vai indo a situação, não acha?
- Ah, o senhor fala da situação? Dizem que vai bem.
- Para que Partido?
- Para todos os Partidos, parece.
- Eu gostaria de saber quem é que vai ganhar a eleição aqui.
- Eu também gostaria. Uns falam que é um, outros falam que outro. Nessa medida...

- É o Prefeito?
- Que é que tem o Prefeito?
- Que tal o Prefeito daqui?
- O Prefeito? É tal e qual eles falam dele.
- Que é que falam dele?
- Dele? Lá! Esse trem todo que falam de tudo quanto é Prefeito.
- Você, certamente, já tem candidato.
- Quem, eu? Estou esperando as platôfimas.
- Mas tem aí o retrato de um candidato pendurado na parede, que retrato é essa?
- Aonde, aí? Ué, gente: penduraram isso aí...

O quê?
Um diálogo travado numa leiteria.
Quem?
O freguês e o homem que trabalha na leiteria.
Onde?
Numa leiteria.
Quando?
Não é possível precisar.

TEMPO
Há duas maneiras de lidar com o tempo em uma narração: cronologicamente ou psicologicamente.

Tempo cronológico

O tempo cronológico é o tempo em que se desenrola a ação, indica-se, conforme o caso, dia, mês, ano, hora, minuto, segundo, década, século etc. Não é preciso mencioná-los sempre, mas deve-se dar a entender ao leitor o tempo de duração da história, utilizando-se de expressões como: alguns minutos, instantes, no dia seguinte, algum tempo depois, passaram-se meses, anos ou dias etc.

O ano era de 1340. Naquele dia – uma segunda-feira do mês de maio – deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa.

(Vieira de Azevedo)

O escritor monta o tempo narrativo distribuindo-o de tal forma que seja aceito pelo leitor, seja em saltos abruptos (milênios, séculos, décadas), ou em períodos curtos (no mesmo dia, em uma semana), mantêm-se a sucessão temporal.

Um recurso possível para alterar a linha temporal é anteceder um fato futuro:

"Quando pequeno, gostava de lidar com animais sem imaginar que um dia seria veterinário".

ou regressar, em flash-back, para um passado a ser relatado:

"Lembrou-se de quando a conheceu. Há trinta anos, numa manhã chuvosa, viu-a num ponto de ônibus e resolveu".

Tempo psicológico

O tempo psicológico, que não é materialmente mensurável, flui na mente das personagens. Nesse caso, transmite-se a sensação experimentada durante o tempo em que o fato ocorreu: a personagem pode ter passado por situações que pareçam extremamente longas, mas que, na realidade, duraram apenas alguns minutos.

O tempo psicológico é produto de uma experiência interior, não mensurável mecanicamente, mas subjetivamente. Traduz-se com palavras a duração de um acontecimento, através da intensidade emocional que o acompanha.

O suprido durou bastante, mas, por muito prolongado que tenha sido; não igualava a modificação da febre preparatória: o olho duro a magnetizante, os gestos ameaçadores, a voz rouca a madurar uma interrogação incompreensível.

(Graciliano Ramos)

ESPAÇO

Sejam as seguintes expressões: num certo lugar, distante da quele local, numa casa (rua ou país), temos determinantes do espaço e, para caracterizá-lo, são empregados recursos descritivos que recuperam a percepção objetiva (do sítio, do cenário) e as impressões subjetivas (psicológicas).

Se a descrição descreve integralmente o objeto, pessoa, cena ou paisagem, temos a fidelidade fotográfica que permite ao leitor visualizar o espaço descritivo. Quando a descrição apenas sugere traços (objetivos e subjetivos) dos elementos, o leitor é instigado a completar a imagem com a criatividade e a fecundidade de sua imaginação.

O Cão Raivoso

Um cachorro costumava atacar de surpresa, e morder os calcanhares de quem encontrei-se pela frente.

Então, seu dono pendurou um sino em seu pescoço, pois assim podia alertar as pessoas de sua presença, onde quer que estivesse.

O cachorro cresceu orgulhoso, e valioso do seu sino, caminhava tilintando-o pela rua.

Um velho cão de caça então lhe disse:

Por que você se exibe tanto? Este sino que carrega acredit, não é nenhuma honraria, mas antes disso, uma marca de desonra, um aviso público para que todas as pessoas o evitem por ser perigoso.

Esopo

Moral da História:

Engana-se quem pensa que ser notório é ser honrado.



Com esse texto, podemos inferir que...

ENREDO

O enredo (ação ou trama) corresponde à maneira como a história se desenrola, aos "arrazos" narrativos que cercam as personagens, e as situações que as envolvem. Essa articulação pode revelar o núcleo temático da matéria narrada, seja ela real ou ficcional, assim, falamos em enredo cujas temáticas podem ser conflitos passionais, casos de mistério ou terror, dramas sociais, experiências existenciais, ficção científica etc.

O texto narrativo resulta, portanto, de duas articulações: a história (seqüência de fatos) e o enredo (organização dos fatos). Dessa forma, o enredo é a maneira como o narrador organiza os dados que a história oferece.

Observe como na contextualização de Domingo no Parque, de Gilberto Gil, os arranjos formais – versificação, rima, estrofe e refrão – e a organização dos fatos, articulando personagens, tempo, espaço e ação, proporcionam dimensão e expressividade a um episódio que seria, como notícia de jornal, apenas o miqueleiro.

Domingo no Parque

(Gilberto Gil)

Exposição: identificação das personagens

O rei da brincadeira – é José
O rei da confusão – é João
Um trabalhava na feira – é José
Outro na construção – é João

Desenvolvimento: encadeamento de ações

A semana passada, no fim da semana,
João resolveu não brigar.
No domingo de tarde saiu apressado
E não foi pra roleta jogar.
Capoeira não foi pra lá, pra roleta.
Foi namorar.
O José como sempre, no fim da semana
Guaudou a barraca e sumiu.
Foi fazer, no domingo, um passeio no parque,
Lá perto da boca do rio.
Foi no parque que ele avistou
Juliana.

Foi que ele viu
Juliana na roda com João.
Uma rosa e um sorvete na mão.
Juliana, seu sonho, uma ilusão.
Juliana e o amigo João.

Complicação: ponto de tensão

O espinho da rosa feriu Zé
E o sorvete ganhou seu coração.
O sorvete e a rosa – foi José
A rosa e o sorvete – foi José
Olhando no peito – foi José
Do José brincalhão – foi José

O sorvete e a rosa – foi José
A rosa e o sorvete – foi José
Olhando na mente – foi José
Do José brincalhão – foi José

Juliana girando – ol girando
Ol na roda gigante – ol girando
Ol na roda gigante – ol girando
O amigo João – ol João
O sorvete é morango – é vermelha
Ol girando e a rosa – é vermelha
Ol girando, girando – é vermelha

Climax: ponto de maior tensão

Ol girando, girando – olha a feia
Olha o sangue na mão – é José
Juliana no chão – é José
Outro do tipo caído – é José
Seu amigo João – é José

Desfecho

Amannã não tem feira – é José
Não tem mais construção – é João
Não tem mais brincadeira – é José
Não tem confusão – é João

Tempo: cronológico, especificado, no texto, como domingo.

Espaço: no parque.

Narrador: observador; texto narrado em 3ª. pessoa.

Enredo: um crime passionai praticado por José contra o próprio amigo, João. O assassino viu Juliana, a mulher pela qual se apaixonou, passeando no parque de diversões com esse amigo. Assim como João, Juliana foi estaqueada por José.

